

## Conceitos fundamentais da Psicanálise

### Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

Paulo Medeiros

1 - 10 de fevereiro de 2004

*Memória e transcrição de gravação*<sup>1</sup>

*Sujeito, objeto da  
Psicanálise*

Sujeito é objeto da Psicanálise - isso parece um paradoxo. Sujeito, literalmente falando, é *subjectu*, colocado sob, sob algo: sujeito à fala, dividido pela fala. O sujeito não pode ser objeto na Ciência – o sujeito observa e o objeto é observado. O objeto é observado a partir de nossa subjetividade. Num primeiro momento, Freud tratou dessa divisão do sujeito pela fala pela via de conceitos ternários: consciente, pré-consciente, inconsciente; num momento posterior, essa composição lógica ternária, para a composição do sujeito, constituir-se-ia em eu, isso, super-eu. Lacan, por sua vez, coloca o sujeito como que acossado entre simbólico, imaginário e real e dividido entre saber e verdade.

*O Ensino de Lacan*

Parece-me muito importante frisar isto: ele não escreveu esse texto sobre o *Seminário 11*, que trata dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. O ensino de Lacan foi exclusivamente oral, e devo dizer para vocês que até hoje me surpreende o fato de que alguém, durante toda a sua vida, para vocês terem uma idéia, tenha elaborado, pela via exclusivamente oral, aproximadamente vinte e oito seminários, um a cada ano, e sempre trazendo novidades.

Era um ensino oral, ele usava simplesmente anotações; ele preparava cuidadosamente cada seminário que dava, com muita pesquisa, com todo o cuidado, com muitas leituras, com muita reflexão e, sobretudo, com muita clínica. Para Lacan, a teoria deveria estar sempre advindo de uma *prática*. No questionamento sobre o tipo de classificação epistemológica que deve inserir a Psicanálise – É Ciência? Arte? Técnica?

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

Religião? – para ele a *práxis* é que é determinante para a teorização.

Lacan, verdadeiramente, passou toda a sua vida ensinando publicamente.

*Produção científico-literária*

O ensino público de Lacan começou em 1953, só foi encerrado com sua morte, em 1981; então, todo o seu tempo de vida foi assim, ensinando, e ele não parou de falar – dizer que psicanalista lacaniano é calado é papo furado. Esse homem falou a vida toda, acho que isso o mantinha animado, esse falar ininterrupto, durante toda a sua vida, para a sua vida; mas isso não quer dizer que ele não tenha escrito muito. Para vocês terem uma idéia, existem os chamados *Escritos*, que é mais ou menos um volume um pouco maior que este. Este aqui já são *Outros Escritos*, também escrito por ele. Existem, em termos de artigos publicados, aproximadamente, até agora, dois volumes como esses aí, mas, se a esses se juntarem *entrevistas, conferências, apresentações em rádio, televisão, jornais etc.*, a produção literária de Lacan estender-se-á muito mais, sem se considerar isto aqui que é, historicamente, da maior importância para nós que estudamos Lacan: as chamadas *Letras de L'École Freudienne*. O que quer dizer isso aí? Isso aí são *Atas*, registros das Jornadas de Estudos da *École*, da *Escola* de Lacan; nessas *Atas*, há um bocado da fala de Lacan, além dos escritos e dos registros dos seminários. Então, estou assim tentando apresentar para vocês a extensão, a extensão no sentido desse até quantitativo, do quanto esse camarada produziu, trabalhou.

*O melhor exegeta de Freud*

Em termos da qualidade do ensino de Lacan, eu diria o seguinte: bom, costume dizer que não conheço melhor comentarista, melhor *exegeta* de Freud, do que Lacan – não conheço; simplesmente eu não conheço, até pode haver, mas tenho minhas dúvidas. O trabalho teórico de Lacan foi, fundamentalmente, digamos assim, o de um exegeta. Ele disse que ele próprio trouxe, de novo, somente um elemento conceitual para a Psicanálise, que tudo o mais era de Freud; acho modéstia da parte dele, muita modéstia, porque ele trouxe muitas novidades, em termos, assim digamos, do que representa, no contexto do movimento lacaniano, a produção e a qualidade de trabalho.

Freud foi descobridor; Lacan, formalizador. As proposições de

Freud são passíveis de uma formalização diante de outros discursos; a formalização só é possível com rigor, daí a Lógica como necessária. Freud elaborou uma *metapsicologia* - *meta* = para além de, ruptura epistemológica, daí ele ser o fundador do *Um*, um outro e novo campo, o Pai dessa série. Freud não propunha uma visão do mundo; Lacan dizia que a Psicanálise não é uma visão do mundo.

*Compreensão dos  
textos lacanianos*

Nesses cinco minutinhos, dei esse resumo para vocês e entusiasma-me muito saber que vocês estão animados para estudar Lacan; isso me anima também, o que me faz comprometer-me com vocês e sobre aquilo com que me comprometi com o Fernando, não sei como vocês o chamam, sempre o tratei por Fernando, até João, João Fernando. O que posso lhes dizer também é que quero compartilhar esses estudos com vocês; o que eu souber, procurarei passar para vocês, o que eu não souber, direi: não sei, vamos tentar saber. Não me sinto, digamos assim, obrigado a saber tudo o que desejarem saber a esse respeito, pois uma das diferenças entre mim e vocês é que vocês estão começando esse estudo agora e eu já o comecei há algum tempo; essa, a diferença no sentido do percurso.

Deixe-me deixar bem claro uma coisa: Lacan não é fácil não, não é fácil. É bem verdade que, às vezes, nós contribuimos ainda mais para as dificuldades, ao invés de facilitá-las; às vezes, ouço colegas lacanianos e penso: “Tá danado, é pior do que ler Lacan!” Bom, aí entram também as coisas das versões e traduções, o Fernando já começou falando sobre isso, Teodora está lembrando as transcrições. Observem que, ao dizer que este seminário que estamos estudando, por exemplo, não foi escrito por Lacan e, sim, pelo genro de Lacan, Jacques-Alain Miller, seu genro-tradutor, eu já trouxe esse tipo de problema. Foram poucos, até agora, os seminários editados, e esses poucos têm sido assim muito questionados, quando comparados aos registros originais da fala de Lacan. Então, é como se nos disséssemos assim, por exemplo: “Lacan disse uma coisa, o Miller escreveu outra”, é parecido com isso. Mas saibamos que há seminários, como este que foi editado, em 1973, pelas *Éditions du Seuil*, que foram autorizados por Lacan. Em 1973, digamos assim, Lacan ainda estava no auge do seu ensino, contava com 73 anos, estando absolutamente lúcido, e autorizou essa versão; se Lacan leu todo o texto para autorizá-

lo, sobre isso não sei dizer, sendo pouco provável, ele confiou no trabalho do genro, mas, quando encontramos datas como esta, 1973, isso significa dizer que este seminário que iremos estudar, esse foi analisado por Lacan, ele o confirmou, ele o permitiu.

Lacan morreu em 1981, sendo que, acho, lúcido mesmo, ele manteve-se até 1975/76, daí para a frente as coisas pioraram: ele adoeceu, envelheceu, claro; ele tinha dificuldades, a partir de 76. O último ano de ensino que ele falou sem precisar ler um texto escrito foi até 1976, daí em diante ele tinha que ler os seminários, ele se esquecia das coisas, confundia-se nos grafos e nos desenhos dos *nó*s, enfim, estava velho, lento – por que não reconhecer o fato de que, em toda a sua grandiosidade, isso é humano? Então, observem isto: a data da edição em francês. (As traduções do francês para o português são ótimas, inquestionáveis; é gente de primeira qualidade que traduz Lacan). Os lacanianos mais estudiosos estudam por versões-pirata, fora do comércio, porque essas versões-pirata são, digamos assim, mais fidedignas, não sofreram assepsia comercial para torná-las mais próprias para venda em livrarias; tais versões são textos que contêm erros; são textos que contêm equívocos mesmo, de Lacan – datas citadas erradas, nomes citados errados; sobre a pontuação, por exemplo, a gente nunca irá saber como realmente deveriam ter sido feitas, porque, afinal, eram uma fala e, como tal, perde-se, na escrita, a entonação, a ênfase. Era um ensino oral.

Bom, isso é o preâmbulo de nossos estudos; há a destacar que este seminário que vocês escolheram, o *Seminário 11*, vocês o escolheram, segundo o Fernando me comunicou, pelo fato de que, através dele, estariam apreendendo conceitos fundamentais da Psicanálise; então, trata-se de uma excelente escolha.

*Contexto histórico do movimento laciano*

O contexto histórico desse seminário é muito importante para o movimento laciano; foi o ano em que, com esse Seminário, Lacan fundou a sua Escola, sendo que ele foi realizado na Escola Normal Superior de Paris, a convite de Althusser, não sei todos vocês conhecem, Louis Althusser. Constatamos então que há presenças marcantes para dar apoio à Lacan. Eram tipo Althusser, como vimos, e também Lévi Strauss, pessoas da nata da *intelligentzia* parisiense – isso porque Lacan havia sido proibido de continuar seu ensino na

*International Psychoanalytical Association*, vulgarmente denominada IPA; ele fora proibido de ensinar aí; recebera um telefonema à noite, véspera de um de seus seminários, dispensando-o do Ensino na IPA. A IPA, digamos assim, é como se fosse uma grande empresa multinacional, hierarquicamente constituída de modo piramidal, cujos membros se consideram como sendo os únicos herdeiros de Freud. Na minha perspectiva, eles tentaram fazer da Psicanálise uma extensão da Psiquiatria, como se a Psicanálise tivesse alguma coisa a ver com a Medicina ou com a Psiquiatria. Eles são muito rigorosos, digamos assim, no sentido da organização institucional, tipo empresa multinacional com representantes em vários países; numa empresa, isso corresponderia a divisões hierárquicas entre diretores, chefes, supervisores etc.

Lacan era um didata nessa instituição, ou seja, ele era um encarregado do ensino, dentro dessa instituição, até receber um telefonema, dispensando-o, e, como ele fora proibido de lecionar também onde lecionava, que era no Hospital Saint' Anne, em Paris, seus alunos e, principalmente, Althusser, abriram espaço para ele ensinar na Escola Normal Superior, a famosa ENS.

O último seminário que Lacan iria realizar, na IPA, seria outro seminário que não este *Seminário 11*; era o seminário chamado *Os Nomes do Pai*. (Receio estar estendendo muito essa introdução, mas vocês podem também, a qualquer momento, interromper para falar alguma coisa).

Este seminário, *Seminário 11*, tem, acima de tudo, importância histórica. A importância desse seminário inaugural da chamada Escola de Lacan – *École Freudienne de Paris* – inclusive, costume dizer que não deveríamos traduzir, no movimento lacaniano, o nome da Escola de Lacan, e, sim, mantê-lo assim, como um nome próprio: Escola de Lacan.

Essa Escola foi singular porque, ao contrário, digamos assim, da instituição original a que Lacan pertencia – a IPA – a *École* não tinha – esta é uma das dificuldades que, até hoje, permanecem entre os lacanianos – ela não tinha a pretensão de ser internacional, tanto que era *École Freudienne de Paris* – de Paris –, quer dizer, sem uma pretensão internacional. Isso deixou um problema para nós que seguimos Lacan. Como é que lidamos com isso? Às vezes, fica parecido com o jeito dos

religiosos, especialmente dos protestantes: o cara se arreta na Igreja onde está e funda outra, um pouco até por cissiparidade. Então isso é um problema porque deveríamos nos constituir em uma série, para falar no sentido matemático, e não cada um querendo ser o Um. Acontece haver um grau de intolerância insuportável gerada nesses espaços para com as diferenças que surgem.

*Intervenção do grupo* Nesse ínterim, surgem intervenções de vários participantes do nosso Grupo de Estudos que pergunta:

– Por que ser uma *série* é melhor que *um*?

Lembra um deles:

- Do ponto de vista matemático, a *série* é uma lei em formação, um parentesco identificado.

Acrescenta outro:

- A *série* ratifica, legitima a estrutura.

Afirma outro:

- Ser único é negação; comportamento isolado não tem significado, o padrão de comportamento sim: é estrutura de comportamento que possibilita uma *série*

Poderíamos dizer ser o *Um* índice. O Um não é aí número, é um lugar necessário à lógica proposta. Como índice ocupa um lugar na estrutura. A posição desse *Um* na estrutura: o *Pai*; a correspondência de índice de lugar: lugar ocupado pelo *Pai*. A *série* é de filiação, o que nos torna humanos – cultura e linguagem. O sentido do único como *unário* tem uma característica que conteria um elemento qualquer desse *Um unário* no sentido de fazer corresponder com esse *Um a subjetividade*. Lembremos o que significa o *Pai* para a estrutura da *série*. E aqui indico a vocês a leitura de Sören Kierkegaard, com *Temor e Tremor*, e também a apreciação do Quadro de Caravaggio, *O Sacrifício de Isaac*

Mas o Um e a série têm, se constituem, na prática, um problema para os lacanianos; felizmente, já existem movimentos contrários a essa entropia, contrários a essa dispersão, tentando, ao contrário, reunir, aglutinar, para ver se nos convencemos de que devemos constituirmo-nos enquanto *série* e não enquanto unicidade - isso é como se cada um quisesse ser único, todo mundo querendo ser fundador. Mas isso advém, a meu ver, também, além de outros motivos, do fato de a *Écoute* de Lacan não ter se proposto a uma

internacionalização. Ele morreu deixando essa questão para a gente resolver – além da sua própria morte, e, creio, até hoje, a gente ainda não conseguiu resolvê-la. É claro, não há solução para a morte, conduzindo-nos esta à morte simbólica do pai morto, assassinado no desejo. Justamente, ele havia preparado um seminário chamado *Os Nomes do Pai*, em 1963, e, quando começou a apresentá-lo, foi exatamente na véspera, quando iria dar a primeira aula a respeito dos *nomes do pai*, que recebeu um telefonema, dispensando-o da função de ensino. Às vezes, titubeio um pouco, frente à questão de como chamar esses seminários; até hoje, não tenho certeza se devemos chamar de *aula*, *sessão* ou *seminário* a cada um deles, pois *O Seminário*, com maiúscula, é o conjunto de cada seminário, refere-se à temática cada Seminário, comportando um tema abordado durante um ano; então nós temos *O Seminário*, nesse sentido.

*Seminário 11 -  
Os quatro  
conceitos  
fundamentais da  
Psicanálise*

Bom, este seminário aqui – *Seminário 11* – versa sobre os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise; não posso chamá-los de capítulos, a cada um deles, porque esse seminário não foi escrito por Lacan; cada um desses itens aí ele não os nomeava, ele não lhes dava títulos, esses títulos foram inventados pelo Editor, na transcrição, de acordo com o conteúdo da fala. Lacan não dava nome, regularmente, a sua atividade; às vezes, ele dizia: *minha aula, como lhes ensinei na minha sessão de..., no meu seminário*, ele usava vários termos; mantendo-os flutuantes em cada ocasião. Então, diante dessa flutuação, não consegui, ainda, uniformizar os termos por ele empregados; não sei como vocês deverão empregar, uniformemente, a terminologia aí: se a gente deve chamar cada seminário de seminário, sessão, aula; confesso para vocês que ainda não cheguei a uma conclusão.

*Intervenção*

“Lacan chama essa aula de seminário: ‘não tenho, hoje, a intenção de me entregar a nenhuma encenação que se assemelhe a um lance teatral; não esperarei o final deste seminário’”.

Lacan deu essa aula, ou seminário, ou sessão e aí encerrou sua atividade. Retomou-a imediatamente, pois aquele se realizou em novembro de 1963 e este, em 15 de janeiro de 1964. Mantenho grande admiração por essa produção intelectual deste camarada chamado Jacques Lacan, Jacques-Marie Émile Lacan. Reparem: ele preparou um seminário chamado *Os*

*Nomes do Pai*, realizou um único seminário, e, depois, aparece com outro seminário chamado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, num espaço de quase dois meses; aquele, como já disse acima, realizou-se em novembro; ele o havia preparado para o ano todo, mas fora interrompido; parou então com ele e aparece com outro que é este aí que trata dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise – o *Seminário 11*. Em relação ao seminário *Os Nomes do Pai*, ele comenta que sobre esse aí não iria falar mais. Assim, em novembro, em janeiro, começou com este seminário - *Seminário 11*- na Escola Normal Superior, como já lhes adiantei, convidado por Althusser, não sei se vocês o conhecem, Althusser foi um dos maiores intelectuais franceses na época, leitor de Marx; tinha uns *Lire le Capital, Ler o Capital*, cuja abordagem segue, digamos, um método chamado estruturalista, aplicado ao marxismo, ou ao *Capital* de Marx. Ele era um pensador, ensinava em Paris e, assim, dividia o pensamento de Marx: diante dos escritos correspondentes à estrutura do escrito de Marx, num determinado período, denomina-os por *primeiro Marx, segundo Marx etc, posterior, mais velho, mais jovem* Eu diria que nós podemos fazer algo semelhante em relação à Lacan, e diria que, a partir desse seminário – *Seminário 11* –, parodiando Althusser, não estamos mais diante do *jovem* Lacan; diria que o *jovem* Lacan veio até 63; ali, nós temos um Lacan, digamos, da maturidade, que vai de 64 a 74.